

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Andreski Stanislaw

*Social sciences as sorcery*

André Deutsch, 1974.

Serão os novos cientistas sociais mágicos, prestidigitadores, inocentes, camufladores, ou sistematizadores do óbvio? Este é o tema ou os temas propostos por Andreski. O autor, estabelecido na Inglaterra, escreveu vários livros, dentre outros: *The uses of comparative sociology*, *Military organization and society*, *Parasitism and subversion — the case of Latin America*, *The prospects of Revolution in USA*. Afora estes, anunciava ele, na ocasião, o hoje provavelmente já publicado *Antisocialization and mental pollution*.

O livro em questão é essencialmente dirigido a sociólogos, cientistas políticos e antropólogos. Creio, no entanto, que serviria imensamente também aos economistas, que dele poderiam tirar imenso proveito. É de uma certa forma, uma continuação do livro de Wright Mills, *A imaginação sociológica*.

O autor parte essencialmente de uma época situada após a I Guerra Mundial. Nessa época certamente se antevia um quadro extremamente favorável para o desenvolvimento das ciências sociais. A massificação ocorrida após esse período e que se estende aos nossos dias produziu, no entanto, uma série de distorções que talvez não pudessem ser imaginadas. Evidentemente, o observador do cenário certamente admitiria que uma produção em maior escala, um maior nível de competição, redundariam numa elevação da qualidade em geral e, na pior das hipóteses, em uma acentuada melhoria do nível qualitativo médio, ou seja, a quantidade traria como subproduto a qualidade.

Por razões que serão apresentadas mais adiante, isto não ocorreu. Pior do que isto, registrou-se uma acentuada queda de qualidade e sobretudo, de criatividade; os cientistas sociais passaram a ser presas de esquemas prévios; o esquema prévio variará certamente com a escola a que o cientista se filiou.

O autor, de uma maneira geral, exclui desse quadro pouco alvissareiro os economistas (?) e sobretudo os historiadores. Estes últimos considera, inclusive, como tendo uma produção média bastante significativa.

Entretanto mais especificamente no mérito do livro, há uma certa dificuldade de dar ao leitor brasileiro o significado exato de alguns dos títulos, altamente sugestivos. Assim é que o capítulo 6 intitula-se *The smoke screen of jargon*, cujo significado aproximado seria A cortina de fumaça do jargão, título do capítulo 11 — *Promiscuous crypto-conservatism* — cuja tradução literal é o Cripto-conservadorismo promíscuo, o que é um pouco raro em linguagem corrente no Brasil. De qualquer modo, vamos passar em revista rapidamente os 18 capítulos do livro, dada a importância de cada um deles para melhor compreensão da resenha.

No primeiro deles, refere-se o autor ao problema da ética profissional. Isto é válido tanto no campo das ciências exatas, quanto no das ciências sociais; “lobo

não come lobo”, costuma-se dizer. O que Andreski quer dizer com isto é que em nome da ética profissional, os indivíduos defendem-se diante de críticas potenciais, enclausurando-se e impedindo que alguém de fora levante suspeitas sobre a eficiência do membro da corporação, por exemplo.

O segundo capítulo entra no dilema dos que labutam em ciências sociais, o velho dilema de que aquele que se dedica às ciências exatas tem os laboratórios onde pode fazer suas experimentações, ao passo que nas ciências sociais a verificação é certamente algo etéreo. O produto final gerado é, em consequência, algo igualmente fluído. Diz o autor, “para melhorar os registros contábeis de um país, uma equipe de contadores bem treinados certamente será um elemento importante. Nas ciências sociais não se pode previamente determinar que um número maior de cientistas sociais treinados redunde numa melhoria de qualidade e, sobretudo, que isto melhore o bem-estar da população de um modo geral”. Um número maior de psicólogos, sociólogos e antropólogos, administradores, economistas etc., melhoraria o nível de eficiência, de bem-estar, e de previsão da sociedade? Nos EUA, as evidências não são muito claras. Isto não significa que eles tenham sido responsáveis diretos pelas eventuais distorções, mas evidentemente levanta o problema da sua utilidade. O ceticismo do autor é bastante claro, não obstante ele mostre que Marx, ou Weber foram capazes de fazer algumas previsões com alto nível de acerto.

O capítulo seguinte intitula-se Manipulação através da descrição. Diversos ingredientes entram neste problema, inclusive a impossibilidade de verificação já mencionada. “O economista ou cientista político pode sempre admitir que não errou, porque pode sempre achar uma ou outra explicação de porque os fatos não se comportaram de acordo com o conselho dado. Pela própria natureza das ciências sociais nunca se pode provar plenamente que ele errou. A execução é que não foi exatamente realizada conforme ‘aconselhado’.” Outro ponto importante que o autor salienta, é o modismo e recomenda não “remar contra a maré”, ambos bastante usuais.

As pressões que se abatem sobre o mundo acadêmico em qualquer regime político são muito mais importantes do que se imagina. Não são logicamente admitidas, mas fazem os cientistas sociais cingirem-se ao “arroz com feijão”. As pequenas exceções dos *independentes* são assinaladas pelo autor, como “jogo de cartas marcadas”. Neste sentido, partindo de teorias prévias geralmente aceitas pelas *igrejas intelectuais*, os fatos são modificados no todo ou em parte (o que é mais sutil e precípuo) a fim de se casarem com as teorias pré-estabelecidas.

A censura através da produção em massa é o capítulo que se segue. Assim como existe massificação na produção de bens de consumo, por exemplo, ela também entra a nível daqueles que publicam em ciências sociais. Inevitavelmente estabelece-se um nivelamento por baixo. Os amadores descompromissados (artesãos) desaparecem de cena. A própria natureza da “massificação” estabelece a censura. Andreski toma como exemplo as publicações oficiais e as das Nações Unidas, que considera um conjunto inócuo de irrelevâncias.

No capítulo 5, Merton e Parsons, dois *gurus* da moderna sociologia americana são impiedosamente açoitados. A argumentação desenvolve-se tanto quanto à forma como quanto ao conteúdo de sua contribuição. Além de não terem dito nada de novo, ambos não vão além daquilo já escrito por Spencer, por exemplo, utilizando para isto uma nova nomenclatura que confunde os inocentes leitores e alunos. A idéia básica é de que as chamadas *disfunções* devem ser combatidas, para que o organismo social volte a *funcionar normalmente*, o que é uma ideologia extremamente conservadora.

Um dos pontos altos, no meu modo de ver, é o capítulo que se segue. Trata-se da utilização do *jargão acadêmico* e que tem causado enorme celeuma sobretudo nos meios não acadêmicos.

Quando os cientistas sociais (os economistas em particular) são obrigados a se dirigir ao grande público, sua mensagem, via de regra, não é entendida, dado o linguajar hermético muitas vezes utilizado. Em alguns casos, inclusive, o *modismo* estende-se ao grande público, que passa também a usá-lo, de forma inadequada por vezes.

No banco dos réus, porém, estão os cientistas sociais, e vamos a eles. O jargão tem sido utilizado repetidamente como meio de dissimulação de idéias inconsistentes, ou óbvias, as quais, no entanto, passam a se revestir de uma grandiosidade que, caso contrário, não existiria. Todos estão de acordo que o *linguajar especializado* é uma necessidade técnica de padronizar os termos a fim de que os cientistas sociais possam trabalhar, e eles próprios se entenderem. O problema é a criação de neologismos às vezes desnecessários e que *despadronizam* a linguagem. As baterias de Andreski são assestadas contra o termo *estruturalismo* por exemplo. Falamos dos *contorcionistas literários* e do *mambo-jambo*, ou seja, das explicações incessantes, sem fim, e que obviamente ajudam a manter o *pleno emprego* da área acadêmica.

A propósito de classificação conceitual, de semântica, etc. estabelece maior confusão ainda. A página 75 do livro mostra um esquema típico apresentado por cientistas políticos, formado por um losango no qual estão contidas todas as *variáveis do processo decisório*. Destinado especialmente a países subdesenvolvidos é, segundo os autores, inspirado em Marx. O autor do livro diz então: "Se você desejar achar uma explicação sobre o que está acontecendo no Congo ou na Venezuela ou qualquer outro lugar que você tenha em mente, basta consultar o amuleto abaixo", etc.

O capítulo 7 diz respeito às *seitas* que se vão formando — *marxista, nova esquerda, weberianos*, etc. Se alguém levantar qualquer suspeita sobre a infalibilidade desses deuses, será certamente levado à execução do grupo e da comunidade. Por outro lado, isto rende bons dividendos, pois estabelece uma eterna discussão sobre o que fulano ou sicrano *realmente* disseram.

Andreski ocupa-se, a seguir, da questão da objetividade em ciências sociais. Todos sabem que a regra número um do cientista social é ser objetivo, isto é, não deixar levar-se, ao menos conscientemente, por questões emocionais, subjetivas, etc. Todavia, é justamente o que não tem acontecido. Os preconceitos estão mais fortes do que nunca. Em seguida, aborda o problema das eternas disputas *metodológicas*, que podem ser úteis como elementos coadjuvantes, mas que, em si mesmas, não levam a descobertas fabulosas, na medida em que não são substitutas da falta de inspiração que permeia o mundo acadêmico.

O capítulo 10 tem um título delicioso: A quantificação como camuflagem. Este parece ter sido escrito especialmente para economistas. Diz ele à pág. 141: "Os modelos matemáticos sofisticados que encontramos nos livros de economia podem levar o leitor desprevenido à crença de que está diante de algo equivalente às teorias de física. O problema é que no caso da física, as fórmulas emergiram de incontáveis experimentações, enquanto que os modelos econômicos nem sempre são alicerçados por evidências estatísticas não ambíguas". Além disso, ele levanta o conhecido problema de que, no afã de quantificar, os economistas costumam esquecer-se das variáveis não quantificáveis de natureza institucional. Reconhece, todavia, que a Economia, descontados os exageros, dada sua natureza e avanços conceituais, é mais passível de quantificação que as demais ciências sociais.

O promíscuo cripto-conservadorismo é para Andreski o uso ostensivo de conceitos aparentemente destituídos de valores pessoais, revestidos de uma roupagem acadêmica mas que, na verdade, sancionam as instituições e lhes dão legitimidade. A utilização dos grandes *gurus* é recomendável nesses casos: dá um caráter de *seriedade* às proposições, conquanto muitas vezes o essencial da mensagem do *grande mestre* não tenha sido necessariamente captado.

No capítulo 12 o autor aborda ideologia como fator de disfarce da terminologia. O conceito de *classes* é utilizado pelos autores marxistas da atualidade em nome da manutenção do *statu quo* de desigualdade das classes. Andreski deixa claro que o conceito de classe empregado por Marx representava uma realidade do capitalismo inglês à sua época (grifos do autor) em que classes e propriedades eram correlacionados. Nos dias que correm, em que o poder e o dinheiro podem ser associados a posições dentro de organizações burocráticas públicas ou privadas, isto não está associado à propriedade. No entanto, insiste-se em abordar o conceito de classe da mesma forma, o que é uma *ficção útil* para coonestar certa ideologia. O autor não nega o valor conceitual de ideologia: o que ele pretende é retirar-lhe, digamos assim, o caráter religioso, fato que de resto atinge igualmente antimarxistas.

Por outro lado, salienta ainda o autor, velhas idéias são disfarçadas em termos *técnico-científicos* novos, para sancionar situações nas quais “tudo é feito para o melhor dos mundos”, ao que Voltaire diria: “se este é o melhor dos mundos imagine-se, então, como seria o segundo melhor”. Para concluir esta parte, diz o autor que nem por isto a dissensão é válida, na medida em que boa parte dos críticos também não oferece alternativas válidas de substituição.

A seguir, assesta Andreski sua metralhadora contra os *contorcionistas verbais*. O uso da expressão *output* aplicado pelos cientistas políticos ao sistema político, é um dos exemplos. A expressão fez sentido quando aplicada à economia, mas certamente seria “forçar a barra” aplicá-la à ciência política. Como medir, por exemplo, as atividades do Departamento de Estado, CIA, Corte de Justiça, etc.?

Os capítulos 14, 15, 16 e 17 são dedicados à organização das instituições de pesquisa nos EUA e Europa como subir nessas organizações sem fazer força, problemas de nepotismo, de subserviência, o poder dos dirigentes dessas organizações, o problema de alocação de recursos, massificação e que, ao fim e ao cabo, redundam na impossibilidade de subsistência de pesquisadores independentes. Num dado momento faz um balanço no qual fala dos grandes mestres da *ciência social* do século XIX e mesmo de duas gerações passadas, tipo Sombart, Weber, Manhei, dentre outros. Diz ele então: “podemos ver nos seus trabalhos uma clara evidência de que mesmo os menos originais deles foram todos homens de vasto conhecimento de história, jurisprudência, filosofia e economia e que, sem utilizar um jargão obscurocedor, não falaram aos seus colegas de outras áreas qualquer coisa que eles não soubessem”. Evidentemente, e como corolário lógico, critica fortemente a superespecialização do campo das ciências sociais que em nada contribuiu para renovar as respectivas ciências. Elabora um interessante balanço confrontando a produção intelectual de EUA, Inglaterra, França e Alemanha e mostra quão trágica foi a ascensão americana, menos pelos seus méritos, do que pelo declínio europeu. A radicalização estudantil é explicada pelos fatos contidos na argumentação do autor. Dado o estado atual de desorientação das ciências sociais, o estudante passa de Parsons a Marx, o que é bastante lógico, mas não sai do buraco, já que ambos não lhe permitem raciocinar independentemente. Em outras palavras, são duas faces de uma mesma moeda.

O capítulo da conclusão — Ética e avanço do conhecimento, ao contrário do tom geral do livro, é mais otimista. Em primeiro lugar, diz o autor que não há razão para os cientistas sociais sentirem-se inferiorizados diante dos seus colegas das ciências exatas: esses também foram ultrapassados e conheceram desventuras. Mostra que mesmo os gênios da física, quando se meteram no campo das ciências sociais, não fizeram mais que afirmações, inócuas e até pueris. Em segundo lugar, considera Andreski que o mundo, justamente por causa da crise atual, necessita desesperadamente, no campo, de inovadores que possam interpretar a realidade dos nossos dias. Para que isso aconteça, porém, há de se elaborar uma espécie de código de ética, que condene fortemente a mercenarização das ciências sociais. Reconhece a dificuldade de se colocar isto em prática, mas acha que é uma saída para a paralisação e falta de criatividade no campo das ciências sociais.

O resenhista gostaria de dar uma palavra final. Como este livro pode ser percebido no Brasil? Estaremos nós isentos dos tipos de distorção apontadas por Stanislaw Andreski? Creio que não. A maior parte dos atuais cientistas sociais estudou em centros de ensino apontados pelo autor. Dificilmente deixamos de nos envolver de alguma forma. É possível até imaginar que, provindos de uma *cultura mais fraca*, nos tenhamos deixado impressionar em demasia pelos atuais deuses das ciências sociais. O *macaquismo intelectual* a que os economistas denominam de *demonstration effect* é aplicável ao campo das ciências sociais em países em desenvolvimento. Podemos chamá-lo de Marx, Weber, Keynes, Kalecki ou quem quer que seja. Mas ele existe. De modo que as distorções apontadas pelo autor são, pelo menos, tão graves aqui como lá.

Como confrontar a criatividade de um Gilberto Freire, Oliveira Vianna, Alberto Torres, Pandiá Calógeras com a atual geração de cientistas sociais? Claro é que a *imagem guia* é importante. Não se pode exigir total autonomia intelectual. Os *gurus* alcançaram o estrelato porque foram universais. A questão é saber qual a medida adequada de sua utilização, o que já não é ciência, mas arte, e arte é necessariamente criatividade.

Ralph Miguel Zerkowski  
Chefe do Centro de Contas Nacionais  
do Instituto Brasileiro de Economia  
da Fundação Getúlio Vargas. (Endereço:  
FGV/IBRE — Praia de Botafogo, 190  
— 6.º and. — Rio de Janeiro, RJ.)

## Saiu o 1.º volume da Série Educação



Veja e compre nas livrarias da FGV: Rio - Pr. de Botafogo, 188 e Av. Graça Aranha, 28 - lojas C e H; São Paulo - Av. Nove de Julho, 2029; Brasília - CLs. 104, Bloco A, loja 37.

(Trabalhos do Instituto de Estudos Avançados em Educação)